



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**SANDRA CLEIA DE SOUSA GOMES**

**LEITURA: UMA PORTA ABERTA NA CONCEPÇÃO DO CIDADÃO  
DO EJA**

**Campina Grande - PB**

**2014**

**SANDRA CLEIA DE SOUSA GOMES**

**LEITURA: UMA PORTA ABERTA NA CONCEPÇÃO DO  
CIDADÃO DO EJA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria da Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Ms.Clea Gurjão

Campina Grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633l Gomes, Sandra Cleia de Sousa

Leitura [manuscrito] : uma porta aberta na concepção do cidadão do EJA / Sandra Cleia De Sousa Gomes. - 2014.  
39 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Cléa Gurjão, Educação".

1.Dificuldades em leitura. 2.Educação de jovens e adultos  
3.Formação de leitor. I. Título.

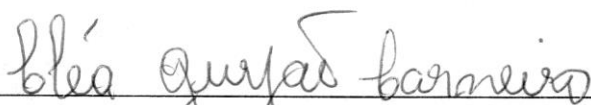
21. ed. CDD 028

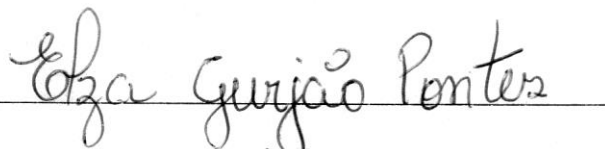
**SANDRA CLEIA DE SOUSA GOMES**


**LEITURA: UMA PORTA ABERTA NA CONCEPÇÃO DO  
CIDADÃO DO EJA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria da Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06 / 12 / 2014.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Esp. Elza Gurjão Pontes  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Prof.º Esp. Rafael Francisco Braz  
Examinador

**CAMPINA GRANDE**

**2014**

**A Deus, na sua infinita misericórdia.**

**DEDICO**

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima em Campina Grande –PB, modalidade Educação de Jovens e Adultos –EJA. Esta pesquisa insere-se no contexto de pesquisa descritiva, Nosso objetivo foi identificar as dificuldades de leituras que os alunos do EJA encontram para o desenvolvimento da leitura em sala de aula e, por extensão, fora dela. Partimos da seguinte questão-problema: Quais as dificuldades que os alunos do EJA encontram em leitura na sala de aula? Com esse intuito aplicamos um questionário com perguntas referentes à leitura com os alunos da escola citada acima do qual extraímos os dados para análise. Concluímos que os alunos estão muito distantes de serem leitores críticos e reflexivos e que eles não leem por prazer e sim por obrigação e não como uma prática social prazerosa. Para esse estudo, a pesquisa teve o embasamento teórico de autores como Demo (2009), Kato (1996), Puck (2007), Freire (2000), Rojo (2009), entre outros.

**Palavras-chave:** Dificuldades em leitura. Educação de Jovens e Adultos. Formação de leitor.

## ABSTRACT

This work is the result of a survey with students of the State Elementary and Middle School Nenzinha Cunha Lima in Campina Grande -PB, Education modality Youth and Adult -EJA. This research on the descriptive research context, our objective was to identify the difficulties of reading that students of EJA are for the development of reading in the classroom and by extension beyond it. We start from the question - problem: What are the difficulties that students of EJA have on reading in the classroom? With this purpose we applied a questionnaire on reading with school students cited above which we extract the data for analysis. We conclude that students are far from being critical and reflective readers and they do not read for pleasure but out of duty, and not as a pleasurable social practice. For this study, the research was the theoretical basis of authors such as Demo ( 2009 ) , Kato (1996 ) , Puck (2007 ) , Freire (2000 ) , Rojo (2009 ) , among others.

**Keywords** : Reading Difficulties . Youth and Adult Education . Reader training.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	08
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	10
2.1 Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil	10
2.2 Educação de jovens e adultos: Práticas adequadas	13
2.3 O aluno EJA	16
2.4 O aluno EJA e sua relação com a leitura	18
<b>3. CAPÍTULO II: METODOLOGIA</b>	21
2.1 O tipo de pesquisa	21
2.2 O campo de pesquisa	21
2.3 Os sujeitos da pesquisa	22
2.4 Os dados da pesquisa	22
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b>	23
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	34
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	37
<b>7. ANEXOS</b>	39



## 1. INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são práticas indispensáveis à formação de competentes usuários da língua. São elementos que constituem o processo ensino e aprendizagem.

A leitura na escola, entre outros objetivos, deve possibilitar aos alunos o acesso a diversos gêneros literários que circulam na sociedade e visa formar leitores críticos e competentes, porém o que percebemos, na nossa realidade escolar, são alunos que apenas decodificam o que leem, sem fazer nenhuma interpretação e, muitos só leem, e mal, o que são obrigados pelo professor na sala de aula.

Quando se trata da educação de jovens e adultos, formar leitores e escritores competentes é mais complicado, pois, muitos desses jovens e adultos, abandonaram a escola por vários motivos, sendo um deles a falta de interesse por parte dos jovens em estudar, enveredando para outras profissões que não exigem tanto o lado intelectual como nas áreas industriais e de serviços pesados, para poderem ajudar no sustento familiar, mesmo antes de terminarem seus estudos. Esses jovens voltam tempos depois, e no período em que estiveram afastados dos estudos, leram e escreveram apenas o suficiente para sobreviverem numa sociedade letrada e excludente como a nossa.

Este trabalho, em linhas gerais e através de uma pesquisa descritiva tem como objetivo busca identificar as dificuldades de leituras dificuldades que os alunos do EJA encontram para o desenvolvimento da leitura em sala de aula e, por extensão, fora dela. de estudantes da escola de ensino fundamental, modalidade EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima em Campina Grande –PB Nesse sentido, o

trabalho parte da seguinte questão-problema: quais nas dificuldades em leitura de alunos do EJA?

Para alcançarmos esse objetivo aplicamos um questionário estruturado com 20 alunos do sétimo ano do EJA da escola supracitada (Anexo 1) com perguntas referentes aos hábitos de leitura dos discentes.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa obteve contribuições de estudiosos como Di Pierre (2000), Demo (2009), Xavier; Nascimento (2011), Menegassi (2005) , entre outros.

Quanto à estrutura, este trabalho é composto de três partes: a primeira constitui a fundamentação teórica; em que são abordados os conceitos básicos que embasam a análise, a segunda constitui a metodologia, que relata os procedimentos de coleta de dados, o tipo e o campo e os sujeitos da pesquisa; a terceira parte é a análise dos dados, na qual são apresentados os resultados e as discussões, por fim temos as considerações finais, as referências e os anexos.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

### **2.1 Breve Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Essa modalidade de ensino, conforme Paiva (2014) se formou desde os tempos coloniais, Nas próprias comunidades, nas famílias e nas instituições religiosas e culturais. Foi importante nesse processo a ação dos religiosos missionários, mas tudo realizado de maneira informal.

Desde o Período Colonial ocorreram as primeiras iniciativas de educação de adultos no Brasil, as quais tiveram início com a presença dos jesuítas, mas não houve prioridade para a educação dos indígenas e negros adultos.

Ao analisar os registros históricos, percebe-se que durante quatro séculos, no Brasil, prevaleceu o domínio da cultura branca, cristã, masculina e alfabetizada sobre a cultura dos índios, negros, mulheres e não alfabetizados, que gerou o desenrolar de uma educação seletiva, discriminatória e excludente, que mantém similaridades até os dias atuais.

Até o início do século XX, a educação elementar de jovens e adultos não possuía organização sistematizada. Com uma economia baseada na forma de produção agrária e assentada na mão-de-obra escrava e, o poder político e econômico nas mãos da oligarquia não havia interesse por parte destes, em expandir a educação para o conjunto da população.

A primeira Constituição Brasileira de 1824 faz menção à instrução primária gratuita para todos os cidadãos, no entanto sabe-se que durante um

longo período da História do Brasil essa educação foi destinada somente às elites, uma pequena parcela da população.

Com a promulgação da Constituição de 1934 foi previsto o ensino obrigatório tanto para crianças quanto para adultos. Em 1947, foi lançado um projeto nacional intitulado Campanha de Educação de Adultos, idealizado por Manoel Lourenço Filho<sup>1</sup>

Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), cuja visão convergia para o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo modelo de educação.

Com o Golpe Militar de 1964, os movimentos de alfabetização foram proibidos e, em 1966, o programa de alfabetização encerrou-se em alguns estados devido à pressão exercida pelo governo militar. O governo só permitiu a realização de programas de alfabetização de adultos de caráter assistencialista e conservador, até que, em 1967, o próprio governo militar assumiu o controle dessa atividade, lançando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). O MOBRAL esteve presente por um longo período na história recente do nosso país. Produziu muitas marcas nas pessoas que por ele passaram. Ainda hoje encontramos alunos e professores que vivenciaram esse período da história da EJA no Brasil.

Em 1985, foi criada a Fundação Educar, substituindo o MOBRAL. Essa fundação promovia a execução dos programas de alfabetização por meio do apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de

---

<sup>1</sup> **Manuel Lourenço Filho**, educador e psicólogo brasileiro nascido em Porto Ferreira, SP, realizador de um importante trabalho de reformulação do ensino no Brasil e em outros países da América Latina pelo qual mereceu o título de Mestre das Américas. Professor de escolas normais em São Paulo, aceitou um convite do governador do Ceará (1922), para reorganizar a instrução pública do estado. Membro do Conselho Nacional da Educação e diretor-geral do Departamento Nacional de Educação (1937), organizou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e foi seu diretor (1938-1946). após deixar o INEP (1936), ministrou cursos em universidades latino-americanas e colaborou (1944) na reforma do ensino do Paraguai. Organizou e dirigiu o Seminário Interamericano de Alfabetização de Adultos (1949), durante o qual recebeu o título de maestro de las Américas. paradigma pedagógico para a educação de adultos, orientados pela proposta do alfabetizador pernambucano Paulo Freire.

organizações não governamentais e de empresas, não havendo uma unidade de esforços do governo para a alfabetização de jovens e adultos.

Com a Constituição de 1988, o dever do Estado com a Educação de Jovens e Adultos é ampliado ao se determinar a garantia do “ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

Em 1990, com a realização da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizado em Jostien, na Tailândia, entendeu-se a alfabetização de Jovens e Adultos como primeira etapa da Educação Básica, consagrando a ideia de que a alfabetização não pode ser separada pós-alfabetização.

Ainda na década de 90, é promulgada a LDB da Educação Nacional nº 9394/96, na qual a EJA passa a ser considerada uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, usufruindo de uma especificidade própria.

Na virada do século, o Brasil ainda contava com cerca de 13,6% da população não alfabetizada. Na tentativa de reduzir as taxas de analfabetismo, foi lançado no ano de 2000 o Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

A partir da avaliação do PBA, em 2006, foram incorporadas novas variáveis relacionadas à metodologia e aos recursos didático-pedagógicos necessários ao processo de alfabetização.

Em 2007, é lançado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a Alfabetização de Jovens e Adultos, sendo esta a primeira vez que se realiza, no país, uma avaliação sistemática de obras didáticas voltadas para a alfabetização de jovens e adultos.

Um importante avanço nas políticas de EJA diz respeito a incorporação dessa modalidade no Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), garantindo recursos financeiros para ampliar

as ofertas de EJA. Com isso, há estímulo à expansão de matrículas, oferecendo oportunidades para que cada vez mais jovens e adultos retomem a escola e continuem seus estudos.

Muito já foi feito até hoje pelos programas de alfabetização de jovens e adultos. Alguns ficaram só por conta da alfabetização, outros pela continuidade dos estudos, mas todos com um objetivo, pelo menos teoricamente, levar um pouco de dignidade às pessoas por meio da educação.

Mesmo sendo tão antiga a prática de se educar os jovens e adultos, ainda hoje, há uma disparidade muito grande na atenção que é dedicada a essa classe, em relação aos cuidados que são direcionados à rede regular de ensino.

## **2.2 Educação de Jovens e Adultos: Práticas Adequadas**

Fazendo uma análise da trajetória da Educação de jovens e Adultos, percebemos que pouco se discute a metodologia de trabalho a ser utilizada nesta modalidade de ensino, tendo em vista que se trata de um processo diferenciado, uma vez que o alfabetizado, jovem ou adulto já possui uma história adquirida por meio de sua experiência de vida. O processo metodológico que conduz a aprendizagem deve se diferenciar das discussões propostas para uma sala de aula para crianças.

Embora exista uma variedade considerável de excelentes materiais organizados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelas secretarias estaduais e municipais do país (disponíveis gratuitamente na internet), muitos educadores ainda recorrem aos livros usadas pelas crianças, embora o processo de alfabetização das turmas de EJA esteja ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidas com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, isso não quer dizer que o

professor vá trabalhar com o mesmo material e da mesma forma, pois é um público diferenciado, inclusive na idade.

Nesse sentido, o material didático-pedagógico usado pelas crianças não vai despertar o interesse dos alunos, é preciso, então, que o professor use a criatividade para escolher materiais que tenham a ver com o mundo desses estudantes e despertem a curiosidade deles, a exemplo de músicas, textos que abordem temas políticos, sociais, que falem de economia, músicas, enfim, que retratem a realidade em que esses estudantes estejam inseridos.

Quando chegam à escola para aprender a ler e escrever o aluno EJA já adquiriu experiências e desenvolveu certas habilidades necessárias ao processo de alfabetização. Por isso, é preciso não esquecer que o professor é o grande mediador da aprendizagem e que esses alunos têm anseios e questões que esperam resolver no contexto escolar.

Dessa forma, alfabetizar jovens e adultos é uma tarefa que exige do educador uma metodologia diferenciada, pois é preciso levar em consideração toda trajetória de vida do aluno, todo conhecimento de mundo e o contexto histórico e social do qual esse educando faz parte. Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), no Art. 37 está assegurado a todos aqueles que não tiveram oportunidade de estudo na idade apropriada as características do aluno, seus interesses condições de vida e de trabalho. Por isso, é preciso desde o início do processo de alfabetização buscar constantemente situações significativas, produzidas pela prática desse público, pois para Gonçalves (2008, p. 221) “É na relação homem-mundo que a palavra deve ser compreendida e focalizada”.

Atender a realidade cultural, social e a subjetividade dos jovens e adultos, requer uma preparação diferenciada do educador e seu repensar

como formador de cidadãos conscientes, críticos e reflexivos. Para atender tais particularidades, a educação precisa ser um processo através do qual o sujeito tome a história em suas próprias mãos, a fim de mudar a mesma. Isso só é possível acreditando no educando, na sua capacidade de compreender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências das suas escolhas.

Nesse sentido, a atuação do professor é muito importante, esses devem ter consciência da missão que os aguarda: fazer um trabalho interativo e criativo, de juntamente com os alunos construir o conhecimento e não apenas transmiti-los de forma mecânica e descontextualizada.

As práticas educativas nas salas de aula de jovens e adultos devem conhecer o educando, ser reflexivas, abrindo novos caminhos para o processo de ensino e aprendizagem, unindo a ação ao saber.

Por isso, não podemos continuar bitolando os alunos com atividades descontextualizadas, com práticas pedagógicas que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende (PUCK, 2007). Para isso, é necessário uma prática educativa de qualidade, que leve em consideração a idade e o conhecimento que esses trazem de suas experiências de vida, pois esses alunos chegam à escola já com um conhecimento de leitura e escrita, ainda que precário.

Nesse sentido, ao trabalhar nas classes de jovens e adultos, deve-se ater para a questão da compreensão dos sujeitos, a fim de se desenvolver um trabalho didático voltado para a formação e reconhecimento das vivências desses alunos. Sendo assim a organização dos conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula pelos professores em busca da construção do conhecimento, deve estar em consonância tanto com os assuntos voltados para a formação de indivíduos críticos-reflexivos, quanto



para a capacitação para o mercado de trabalho e para toda realidade social e cultural atual.

### **2.3 O aluno(a) EJA**

A realidade dos alunos que frequentam a EJA é marcada pela desigual distribuição de renda e divisão de classes como fatores determinantes para que essas pessoas abandonassem a escola, ou nem nela ingressassem quando crianças, voltando assim, a procurá-la novamente quando adultos.

A princípio, a procura dos Jovens e Adultos pela escola está relacionada à realização de uma vontade antiga de aprender os conteúdos escolares. Saber ler e escrever e conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática é uma condição frequentemente associada a ter uma vida melhor. A influência da escolaridade de filhos e netos é outro fator que impulsiona os mais velhos a estudar. É comum o desejo de auxiliar na lição de casa das crianças ou participar mais ativamente da Educação delas. A busca por independência é outra razão. Não precisar mais de vizinhos ou familiares para ler documentos ou identificar as informações em rótulos dos produtos, entre outras atividades em que a leitura é necessária, é comumente citado.

Com o tempo, as expectativas se ampliam. As justificativas para continuar são várias e estão ligadas, sobretudo, às conquistas relacionadas à escola. Sentir-se mais seguro para comentar os acontecimentos atuais, ver beleza na letra de uma música, fazer amigos e se sentir parte de um grupo social são exemplos. Conforme o estudante vai aprendendo e descobrindo coisas novas, percebe que pode conhecer ainda mais. "Estudar para esse grupo significa, principalmente, a chance de alargar horizontes", diz Isamara Martins Coura, autora da dissertação de mestrado *A Terceira Idade*

da *EJA: Expectativas e Motivações*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Diante dessa realidade, a maioria dos alunos que frequentam a EJA, incluídos os adolescentes, são trabalhadores, que se dispõem a frequentar esses cursos noturnos, motivados a melhorar suas condições de vida com expectativa de dar continuidade aos estudos e se aperfeiçoar profissionalmente; muitos desses alunos ficaram por mais de 20 anos sem estudar. Outros nem se quer frequentaram a escola e acabaram obtendo o mínimo de conhecimento de leitura e escrita. Na realização de atividades cotidianas, apesar de possuírem conhecimentos úteis e válidos, estão excluídos de outras muitas possibilidades que a nossa cultura oferece.

Nos centros urbanos, destacam-se indivíduos com baixa escolarização, sendo empregados no setor industrial, comercial e de serviços e, grande parte atuando no mercado informal e nas zonas rurais, como pequenos produtores ou empregados de empresas agrícolas. Diante das limitando-se a conhecimentos específicos do ofício, normalmente repassados de forma oral por familiares ou companheiros mais experientes. Neste sentido, os estudantes do EJA caracterizam-se como sendo donas de casas, balconistas, operários, serventes da construção civil, agricultores, imigrantes de diferentes regiões do país, jovens e velhos, homens ou mulheres. Nestas condições, professam diferentes religiões, enfim, todos trazem conhecimentos, crenças e valores já constituídos.

Por fim, estes alunos que hoje estão no EJA, buscam melhores condições de vida, uma oferta de emprego melhor, ou então tentam ingressar no mundo do trabalho depois da faixa etária que é imposta pelos empregadores, que seria a média de 40 anos, sendo esse um dos principais motivos do ser humano sempre estar se aperfeiçoando, Segundo Vieira Pinto (1993), o homem é produto de seu trabalho, e que este expressa e

define a essência do homem em todas as fases de sua vida” (p.114). E este indivíduo trabalhando se mantém, mas também só o faz de acordo com que a sociedade lhe impõe. Nesse sentido, os adultos que voltam aos estudos no EJA buscam, em sua maioria, a certificação do ensino médio para ingresso, ou obter uma situação mais favorável no mundo do trabalho

O aluno EJA, muitas vezes, não tem perseverança, falta muito as aulas e abandona facilmente a escola por vários motivos, entre estes, o trabalho, reverter esse quadro é um grande desafio tanto para os professores quanto para os próprios alunos.

#### **2.4 O aluno EJA e sua relação com a leitura**

É senso comum ouvirmos falar em pesquisas que revelam que muitos brasileiros não gostam de ler, que não leem por falta de interesse e que preferem outras formas de lazer à leitura. Neves (2009, p. 47) afirma que “se o brasileiro não lê mais, não é porque os livros são caros em relação ao seu salário. Ele não lê porque não aprendeu a mexer com os livros. Ou seja, não lhe foi ensinado o hábito da leitura”.

Leitura e escrita não são atividades fáceis e por isso requerem grande empenho por parte da escola, em específico por parte do professor. Deve-se considerar que o aluno EJA já é um leitor ativo, lê ativamente o mundo, construindo sentidos a partir da realidade em que vive. O ato de ler é, antes de tudo, uma atividade de interação entre o autor e o leitor que é mediada pelo texto.

Quando se trata da educação de jovens e adultos, formar leitores competentes é mais complicado, pois, muitos desses jovens e adultos, abandonaram a escola por vários motivos, entre eles, para trabalhar. Ao voltarem, às vezes, muito tempo depois, leram e escreveram apenas o suficiente para sobreviverem numa sociedade letrada e excludente como a

nossa. Assim, esse público chega à escola fora da faixa etária e traz consigo a marca de ser excluído da educação regular. Nesse sentido, Demo afirma

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. (...) Os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do que aqueles referentes às crianças e aos adolescentes. (DEMO, 2009, p. 16-17)

Dessa forma, o aluno EJA, muitas vezes, é visto como incapaz de aprender e de lidar com situações diversas da vida moderna e com a sociedade letrada. Entretanto, muitos deles desempenham importantes funções no ambiente em que vivem.

Partindo dessa realidade, entendemos que o ensino de leitura revela-se um dos caminhos para melhorar o letramento desses alunos e contribuir para a inclusão social. Pois, o não-domínio da leitura e da escrita é a causa maior da exclusão do aluno EJA no mundo letrado.

O ensino e a prática da leitura no EJA devem percorrer o caminho da significação das atividades, partindo do princípio que o aluno a quem se ensina tem uma vida social, lida diariamente com diferentes situações em que a leitura se manifesta com funcionalidade. A atividade da leitura deve ultrapassar o modelo estático de aprendizagem, aquele que não produz dinamicidade, criticidade.

Por isso, podemos afirmar que a leitura só ganha sentido na vida dos jovens e adultos se eles puderem ler e não decodificar. A esse respeito os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, Português, 2001) dizem que por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande

quantidade de “leitores” capazes de decodificar um texto, mas com enormes dificuldades de entender o que leem.

Nesse sentido, o grande desafio do ensino de leitura nessa modalidade de ensino é o desenvolvimento de uma metodologia pedagógica e um currículo adequado que atendam às especificidades cognitivas, sociais e culturais desses alunos. Para tanto são necessários profissionais qualificados para desempenharem a docência nessa área, que tenham uma formação continuada, uma vez que as necessidades dos alunos variam de acordo com as exigências do mundo moderno e globalizado.

Pesquisas nessa área revelaram que o estímulo à prática da leitura e da escrita são primordiais para que os alunos do EJA (ou de qualquer modalidade de ensino) participem das variadas práticas sociais da língua, ao abrir um leque de conhecimentos e novos significados, levando-os a apreciar e a valer-se destes poderosos instrumentos: leitura e escrita.

O mais importante e mais eficaz na Educação de Jovens e Adultos e especificamente nas aulas de leitura é mostrar que ler não é apenas uma atividade mecânica descontextualizada, mas sim, uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação. Agindo dessa forma, o professor amplia os horizontes de seus alunos, permitindo-lhes novas possibilidades de compreender o mundo a sua volta de forma crítica e reflexiva.

### **3. METODOLOGIA**

Neste capítulo traçaremos os procedimentos da metodologia desenvolvida, ou seja, o tipo, o campo, os sujeitos e os dados da pesquisa. A metodologia resume as etapas a seguir de um determinado processo, e exatamente é o que relataremos nas próximas linha deste capítulo, buscando de forma minuciosa retratar, os procedimentos implicados na pesquisa.

#### **3.1 O tipo de pesquisa**

Esta pesquisa insere-se no contexto de pesquisa descritiva, caracterizada pela preocupação em “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (GIL, 2008, p.26). As informações coletadas no questionário nos apresentaram elementos significativos para atingir o objetivo proposto que é identificar as dificuldades de leitura dos alunos do EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima na cidade de Campina Grande –PB. Mais especificamente, trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e crítica e foi fundamentada na perspectiva interacional de leitura que prioriza interpretações ancoradas nas experiências sociais trazidas pelo leitor . Nessa concepção, O significado nem está centrado no texto, nem tampouco no leitor. O leitor nessa concepção aciona seus conhecimentos prévios, fazendo interação entre seus conhecimentos linguísticos, textuais e sociais.

### **3.2 O campo de pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima na cidade de Campina Grande -PB com alunos da Educação de jovens e Adultos (EJA).

### **3.3 Os sujeitos da pesquisa**

Para a amostra da pesquisa, ou seja, a escolha dos sujeitos, não houve um critério específico, os alunos que responderam ao questionário foram considerados os que estavam presentes na sala de aula no dia da aplicação do instrumento de coleta de dados.

### **3.4 Os dados da pesquisa**

Os dados que serviram de corpus para este trabalho foram extraídos de um questionário composto por sete questões: quatro objetivas e três subjetivas , aplicado com alunos da Educação de jovens e Adultos (EJA).da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima na cidade de Campina Grande- PB.

Segundo Gil (2008), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre determinados conhecimentos, crenças, sentimentos, interesses, temores e comportamentos do presente e do passado.

O principal aspecto a ser observado no questionário são as dificuldades que os sujeitos da pesquisa sentem em leitura na escola. Portanto, o questionário foi o caminho para avaliar a eficácia do ensino de leitura na modalidade de ensino –EJA

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados e análises que se apresenta abaixo se referem à pesquisa de dificuldade em leitura encontrada pelos alunos do EJA.

Para realização desta pesquisa foi utilizada a observação estruturada, tendo em vista que optou-se pela aplicação de um questionário e as observações diretas durante a aplicação e obtenção das respostas dos alunos do EJA.

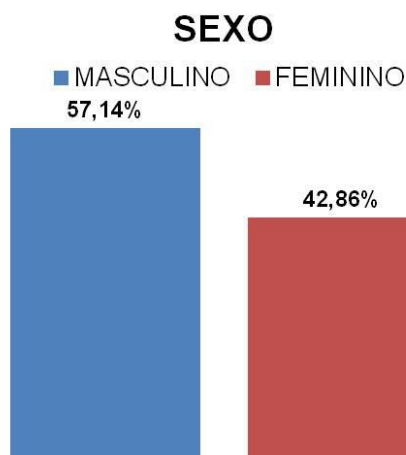
Foi pré-elaborado um questionário onde foram expostas perguntas simples inicialmente e perguntas mais complexas, onde essas informações torna-se a pesquisa mais interessante e abrangente no assunto questionado.

A primeira razão para se conduzir uma pesquisa quantitativa é descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características.

Assim, toda a pesquisa e análise dos dados sobre a dificuldade em leitura encontrada pelos alunos do EJA será mostrado logo a seguir conforme definição das variáveis apresentadas na metodologia.

É importante salientar que constatamos que alguns ainda, não tinham o domínio da leitura e da escrita, necessitando do auxílio da sua professora, para responderem o questionário da pesquisa.

**Gráfico I: Qual é o seu sexo?**





No Gráfico 01, a distribuição por sexo, identificamos que 57,14% dos pesquisados são do sexo masculino e 42,86% dos pesquisados são do sexo feminino. O predomínio do sexo masculino mostra que há maior exclusão deste na educação regular.

Verifica-se que no gráfico 01, que a representação masculina é maior que a feminina, devido a fatores vários, entre eles, abandonar a escola para trabalhar e ajudar no sustento da família, o que infere a maior exclusão das mulheres na educação regular.

Diante desse quadro percebe-se que as pessoas, sejam do sexo masculino ou feminino, se sentem no dever de procurar a escola na tentativa de conseguir um emprego, melhorar seu padrão de vida ou manter-se atualizado para o mundo do trabalho e garantir seu crescimento pessoal e profissional. Até porque o funcionamento da sociedade global requer indivíduos alfabetizados, bem como pessoas que podem exigir o direito a alfabetização, o que não pode nem deve ser entendido como uma questão individual e sim como uma necessidade social coletiva.

**Gráfico II: Você gosta de ler?**



Fonte: **Autoria Própria – 2013.**

Mediante as informações expostas no gráfico 01, percebemos o quanto os jovens não gostam de ler. Porém, estes dados não nos surpreendem já que é senso comum ouvirmos falar em pesquisas que revelam que muitos brasileiros não gostam de ler por falta de interesse e que preferem outras formas de lazer à leitura, entretanto Neves (2009, p. 47) menciona que “se o brasileiro não lê mais, não é porque os livros são caros em relação ao seu salário. Ela não lê porque não aprendeu a mexer com os livros. Ou seja, não lhe foi ensinado o hábito da leitura”.

Percebe-se que 64,29% afirma que sim e 35,71% afirma que não gostam de ler. Entendemos que 35,71% de alunos que não gostam de ler é um índice muito alto, porém temos que levar em consideração que se trata de jovens que pouco, ou quase nenhum contato tiveram com a leitura na sala de aula e fora dela. Entretanto, a leitura é um espaço para o desenvolvimento intelectual de todo e qualquer indivíduo, é uma das habilidades mais importantes e indispensáveis que pode ser desenvolvida pelo ser humano. É a partir da leitura que o aluno do EJA pode entender seu cotidiano e chegar a importantes conclusões sobre a sociedade em que vive e se tornam pessoas críticas e reflexivas.

É necessário, então que os professores incentivem a leitura na sala de aula e, por extensão, fora dela, os alunos reconhecem que a leitura é relevante na vida de qualquer pessoa, pois de uma maneira geral, eles sabem que a leitura é relevante em suas vidas e acreditam que é uma das principais formas de aprendizagem.

### Gráfico III: O que você gosta de ler?



Fonte: **Autoria Própria** – 2013.

Com relação à que você gosta de ler, 7,14% dos alunos gostam de ler romances, 28,57% dos alunos gostam de ler a Bíblia, 7,14% dos alunos gostam de ler jornais, 28,57% dos alunos gostam de ler revistas, 28,57% dos alunos gostam de ler livros e foi apresentado que nenhum dos alunos gosta de ler gibis e nenhum outro tipo de leitura.

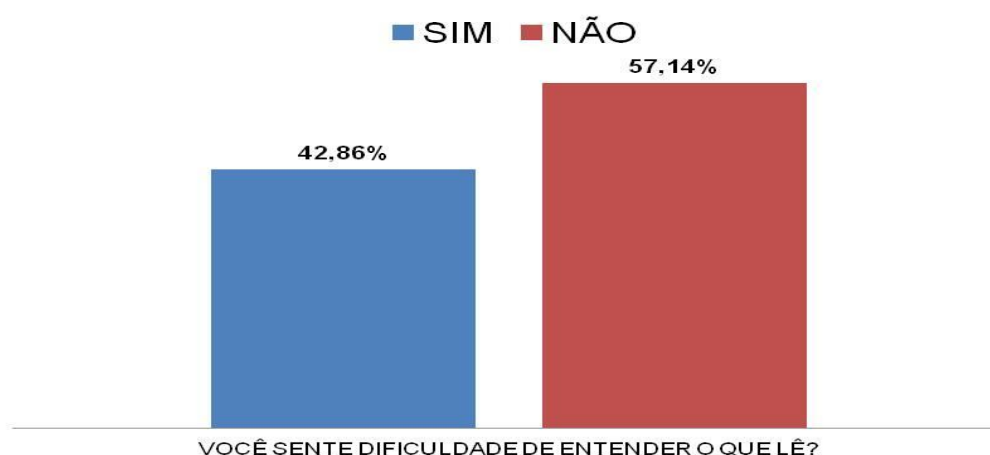
Um dado assustador é que apenas 7.14% dos alunos responderam que costumam ler jornais, um meio atual e importante veiculador de notícias para deixar os jovens atualizados, entretanto, o jornal é um dos recursos com textos variados, preço acessível, atualizado o que deveria chamar a atenção dos jovens para a leitura destes.

Os dados apontam que os alunos gostam de ler revistas e livros, então é necessário que os professores motivem seus alunos com indicações

de leitura, empréstimos de livro da biblioteca, rodas de leitura, enfim, procurar estratégias motivadoras para que seus alunos leiam com prazer e, por extensão se tornem leitores competentes e críticos. Entendemos que a motivação para ler, ou para qualquer outra atividade, representa um aspecto importante e significativo, pois para se aprender algo é preciso encontrar motivos satisfatórios que instiguem o desejo de buscar as realizações individuais e coletivas.

A partir desses dados, percebemos a necessidade de o professor ser inovador, criativo e buscar estabelecer fatos do cotidiano às suas práticas de ensino, principalmente não se deter apenas ao livro didático, mas levar para as suas aulas livros, revistas, jornais, histórias em quadrinhos, etc., a fim de tornar as suas aulas mais dinâmicas e diversificadas, contribuindo assim, para despertar nos alunos o prazer pela leitura.

#### **Gráfico Leitura III: Você sente dificuldade de entender o que lê?**



Fonte: **Autoria Própria – 2013.**

42,86% afirmaram que entendem o que está lendo e 57,14% afirmaram que não entendem o que lê, este diagnóstico mostra o grau de

deficiência que os alunos apresentam sobre as aulas de leitura apresentado na turma pesquisada do EJA.

As respostas sinalizam que os alunos do EJA a grande maioria dos alunos não compreende o que escreve e nem o que lê nas aulas desenvolvidas na turma do EJA, a capacidade de ler é de extrema relevância na formação do cidadão, ao apropriar-se da leitura, tem a capacidade de transformar a sua vida e a da sociedade na qual está inserido, pois de acordo com Zilberman (1982, p. 25) “a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade; portanto o fracasso na formação de leitores não somente provocará o insucesso escolar, mas também o social”. De acordo com a citação acima, fica claro que a leitura ultrapassa as práticas educativas desenvolvidas em sala de aula e ganha dimensão social e política.

Esse resultado (57% não entende o que lê) seria o momento oportuno para se repensar a prática pedagógica e utilizar um método que favoreça estratégias variadas e estimulantes para tornar a prática da leitura prazerosa e despertar o interesse dos alunos.

**Gráfico IV: Você tem acesso a: jornais, revistas, livros, gibis outros?**



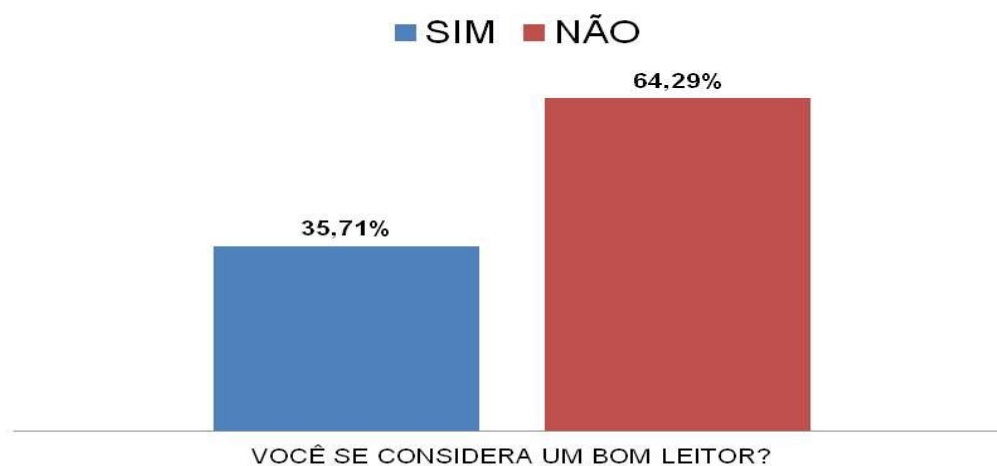
Fonte: **Autoria Própria – 2013.**

A pesquisa revela que 64,29% tem acesso a livros dos mais diversos temas e conteúdos, 28,57% tem acesso a revista com conteúdo geral, 7,14% tem acesso a outros tipo de conteúdo a leitura tais como: a internet, a pesquisa revela também que jornais e gibis são acessos remotos que os alunos não dispõe de tal recurso.

De acordo com o resultado, o acesso a livros é um ponto chave para que possa desenvolver o encantamento da leitura com esses jovens aprendizes. Assim, retratamos que a leitura não é apenas um ato mecânico de decifração de códigos escritos, mas é um ato vivo, repleto de emoção, sentimentos, que o leitor se apropria para utilizá-lo ao longo de sua vida. É uma fonte inesgotável de conhecimento e “um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade” (Bamberger, 2002, p.10).

Os dados acima vêm corroborar com as expectativas e as observações realizadas durante a pesquisa, que a maioria dos alunos não tem acesso à material diversificado, ficando restrito a materiais de fácil acesso. Nesse sentido, Mario Perini (2004, p. 81) explica que os “professores tratam os textos didáticos apenas como um material que tem um interesse imediato e que serve somente para melhorar o desempenho escolar imediato, embora se apresenta desinteressante para os alunos.

Esses dados explicam também porque os alunos do EJA não gostam de ler: o contato com material diversificado é muito pouco, o que faz as aulas de leitura serem enfadonhas e, como consequência os alunos sintam dificuldades para ler na escola e, por extensão, fora dela.

**Gráfico V: Você se considera um bom leitor?**

Fonte: **Autoria Própria – 2013.**

De acordo com a pergunta se considera um bom leitor, verificou-se que 64,29% dos alunos pesquisados afirmaram que não são bons leitores e 35,71% dos alunos afirmaram que são bons leitores. Percebe-se nesses dados que os alunos têm consciência de que não são bons leitores. Isso sinaliza que eles voltam à escola com o desejo de aprender a ler e escrever.

Entende-se que a grande maioria tem dificuldade com a leitura e seu entendimento, assim, consideramos que é de extrema importância trabalhar esse contexto com todos os alunos, pois, uma boa leitura fará com que o cenário a que estão inserido poderá ganhar formas palpáveis no discernimento do entendimento das palavras no contexto geral.

Um dos pontos que podemos comparar neste contexto é entre os gráficos 04 e 06, que com a grande dificuldade que os alunos encontram ao entender o que lê reflete diretamente no desenvolvimento de sua leitura,

esses pontos devem se considerado relevantes nas análises de alfabetização dos alunos das turmas do EJA.

Na verdade os alunos que se consideram bons leitores confundem o significado do termo com o fato de serem “alfabetizados”, visto que a maioria não lê nenhum livro ao ano e, como se observou em sala de aula, não se oportuniza nenhuma atividade específica de leitura.

Temos ainda duas questões abertas:

### **1. Quais as dificuldades que você enfrenta ao ler?**

Esta foi uma questão subjetiva a em que os alunos tinham que escrever a resposta, os dados apontam que 08 alunos responderam “Não compreendo as palavras, leio devagar e Não leio muito correto”. Nota-se que os alunos não têm argumentos para defender seus pontos de vista, tanto é que as respostas foram repetidas e semelhantes e se resumem em: Ter vergonha e ter dificuldade para ler.

As respostas sinalizam que os alunos do EJA sentem muita dificuldade até para responder a questão: Quais as dificuldades que você sente para ler? 07 alunos afirmaram que Não compreendo as palavras, leio devagar e Não leio muito correto não leem correto, percebe-se ai que eles têm medo de ler em público, conforme é provado em outro item da questão em que 08 alunos responderam: “Não compreendo a leitura, não leio correto”

As respostas dadas pelos alunos participantes desta pesquisa mostram que o trabalho desenvolvido nas salas de aula do EJA não difere das atividades utilizadas no ensino regular. Isso nos remete a refletir sobre a formação do(a) docente que atua na EJA que, dispendo de uma formação



acadêmica que não inclui esta modalidade de ensino, acaba reproduzindo práticas educativas que permeiam o sistema regular de ensino.

## **2. Você acha que a leitura é importante? Por quê?**

Os dados acima refletem uma realidade pouco agradável: 15 alunos do EJA não leem na escola porque têm vergonha de errar na frente dos colegas, esse realmente é um dado preocupante, pois percebe-se que estes alunos enfrentam essas e outras dificuldades desde as primeiras séries do ensino fundamental , o que faz com que as leituras sejam vistas como um martírio para esse estudantes.

Nesse contexto, faz-se rever o que Kleiman (1993) analisou sobre a leitura na escola, abordagem na qual se constatou que a escola ensina muito menos leitura do que imaginamos, pois os alunos têm muitas dificuldades para ler na escola e quando o fazem têm medo de errar, vergonha dos colegas, Isso só será resolvido quando a leitura for tida como algo natural, ativo e construtivo que vai além da formação estritamente textual.

Esses dados mostram que a escola como espaço institucionalizado marcante para o ensino da leitura deve favorecer ao aluno, principalmente durante o ensino fundamental, um nível de leitura em que o aluno possa ter a capacidade de atuar sobre um dado fluentemente, já que temos na leitura o "alicerce potente" para a construção do conhecimento, uma vez que favorece a compreensão nas demais disciplinas escolares, compete então "à escola o desafio de ampliar o uso da leitura e da escrita, de modo que seus alunos desenvolvam uma das competências mais importantes para o mundo atual: aprender a pensar e a tomar decisões" (BEZERRA, 2000, p. 79).

Por esses dados, evidencia-se que esses alunos da EJA ainda estão em um nível elementar de leitura e mesmo assim sentindo muita dificuldade para ler, detendo-se apenas na condição de não encontrar dificuldade na leitura, ou seja decifrar as letras. A leitura é vista por eles como uma obrigação e não como prazer. Segundo Martins (2003), cada leitor é único e tem uma visão de mundo diferente, e vê a leitura conforme sua necessidade. Os alunos da EJA são aqueles que regressam à escola após um período de ausência nos bancos escolares, ou aqueles que ingressam da educação regular, não se adaptam, por vários motivos, e migram para o EJA.

Os dados apresentados nesta pesquisa apontam a baixa prática de leitura dos alunos da Educação de Jovens e Adultos . É preciso que a escola incentive esses alunos a lerem não como uma obrigação –como culturalmente conhecemos, mas como uma necessidade social. Para isso, é necessário que o professor ser um bom leitor para poder sugerir através do seu exemplo e de sua prática pedagógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na base de todo esse processo de reorganização e reorientação do trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos está o desafio de desenvolver processos de formação humana, articulados com os contextos sócio históricos e com o enfrentamento de seus processos de exclusão, garantindo aos educandos jovens, adultos e idosos o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno desses sujeitos à escolarização básica como direito fundamental.

Nesse sentido, não podemos conceber o ato de ler como mero exercício de decodificação dos sinais gráficos. Ser um leitor proficiente, com autonomia, sendo capaz de ler, compreender e interpretar o que leu, construindo significados, pressupõe um jogo interativo que envolve conhecimentos prévios, considerados saberes necessários que se tornam operatórios para o próprio ato de ler.

Constatamos que a falta de conhecimento do aluno EJA da função social da leitura corrobora para que estes não gostarem de ler na escola e por extensão, fora dela. Isso mostra que deve ser dado um novo sentido ao ensino de leitura nesta modalidade de ensino e criar estratégias pedagógicas adequadas e eficientes para dar uma nova dimensão ao ensino de leitura.

O ser humano constitui-se de aspectos de natureza biológica, social, afetiva e histórica. Estes inúmeros fatores precisam ser levados em conta no ato educativo, e se tratando nos alunos da EJA, estes devem ser valorizados ainda em maior amplitude, pois estes indivíduos vêm para a escola “carregados” de experiências adquiridas fora desse ambiente, mas

que formam sua identidade.

Pensar sobre as práticas educativas da EJA requer uma reflexão sobre o estilo de vida dos jovens e adultos que frequentam as classes dessa modalidade de ensino, sobre as metodologias de ensino aplicadas no contexto escolar, nos conteúdos selecionados no planejamento dos professores, nas inter-relações sociais que ocorrem no ambiente escolar, na formação de professores, enfim, todos os fatores internos e externos ao aluno e a escola que acolhem ou afastam os jovens e adultos das salas de aula.

Concluimos, enfim que quando o aluno está preparado para fazer uma leitura que esteja além de uma decodificação torna-se capaz de ler a si mesmo e a partir dessa leitura pessoal, consegue ler reflexivamente e criticamente a sociedade na qual está inserido, seja no Ensino Regular ou na Educação de Jovens e Adultos.

Diante dessas constatações, tornou-se relevante a análise da prática de leitura na EJA, pois verificamos que, nas respostas da maioria dos sujeitos pesquisados que as práticas de leitura e de escrita são atividades que não desenvolvem a competência crítica do leitor, e sim torná-los meros repetidores de ideias extraídas do texto. Quando os professores do EJA, através das práticas de leitura deveriam buscar a participação do educando para que eles se tornem sujeitos do processo educacional baseando-se em uma relação dialógica, dinâmica e reflexiva, tentando resgatar a identidade, a cultura e a cidadania. Acredita-se que a Educação de Jovens e Adultos necessita de um olhar mais sensível por parte de toda a sociedade, principalmente por parte dos futuros educadores que estão em formação para que, ao adentrarem o espaço da educação, possam prestar serviço com ética, zelo e cidadania, desenvolvendo práticas pedagógicas criativas.

Concluimos, ainda que a EJA é um programa fascinante, pois resgata jovens e adultos desestimulados, podendo transformá-los através da educação. Sugere-se, para a melhoria da prática pedagógica neste programa, que sejam adotados mais projetos de leitura com objetivos bem definidos. É importante que educadores, tanto os que atuam em sala de aula quanto os que dão suporte na escola, repensem sua função do ponto de vista profissional e social, avaliando-se e reavaliando-se sempre, para que sua prática seja coerente com a profissão escolhida.

## REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. *A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BEZERRA. Maria Auxiliadora. *Leitura e escrita: ainda desafios para o próximo milênio*. João Pessoa: Grafhos, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 248 de 23 dez. 1996.

DEMO, Pedro. *Educação pela pesquisa*. Campinas: Editores Associados, 2009.

DI PIERRO. M. *As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil*. Tese (Doutorado) PUC-SP. São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs). *Educação de jovens e adultos: teoria e proposta*. 10 ed. São Paulo. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008. – Guia da escola cidadã; V. 5.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFMAN, Jussara. *Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KATO, Mary. *Reconhecimento instantâneo e processamento em leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.

MOLL, J. (org.). *Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NEVES, L. C. B. Et al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 4. Porto Alegre: Ed. Universitário/ UFRGS, 2009.

PAIVA, J. *Educação de Jovens e Adultos: direito: concepções e sentidos*. Disponível em [www.btd.ndc.uff.br](http://www.btd.ndc.uff.br). Acessado em 16/03/2014.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

# ANEXO



**DIFICULDADES EM LEITURA ENCONTRADAS PELOS ALUNOS DA EJA****QUESTIONÁRIO****Prezado(a) Aluno(a)**

A aplicação desse questionário faz parte de uma pesquisa que tem como finalidade, verificar quais são as dificuldades em leitura encontradas pelos alunos da EJA. Para tanto, pedimos sua colaboração respondendo a este questionário.

**1) Qual é o seu sexo?**

( ) Masculino      (x) Feminino

**2) Você gosta de ler?**

(x) Sim      ( ) Não

**3) O que você gosta de ler?**

( ) Romance      ( ) Jornais      ( ) Livros  
( ) Bíblia      (x) Revistas      ( ) Gibis  
( ) Outros Quais? \_\_\_\_\_

**4) O que você mais lê nas aulas de Língua Portuguesa?**

textos

**5) Você acha que a leitura é importante? Por quê?**

Sim, porque melhora o conhecimento

**6) Você sente dificuldade de entender o que lê?**

( ) Sim      (x) Não

**7) Você tem acesso a:**

( ) Jornais      (x) Livros  
( ) Revistas      ( ) Gibis  
( ) Outros Quais? \_\_\_\_\_

**8) Quais são as dificuldades que você encontra para ler?**

Não tenho

**9) Como você acha que deveria ser o ensino de leitura na sala de aula?****10) Você se considera um bom leitor?**

( ) Sim      (x) Não